

TRIBUNA Livre

24
JANEIRO
1959

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

IDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR - TEL. 62112 - AMARES

O Monumento a Sá de Miranda NÃO BASTA!

Por EME



PELA repercussão da notícia que deu a conhecer ter sido incluído no plano de melhoramentos urbanos do corrente ano, o almejado monumento a Sá de Miranda, vê-se claramente o interesse com que era esperada esta medida, largamente debatida e devidamente posta, sempre que veio a propósito, por todos quantos reconheciam a grave lacuna de não haver ainda em todo o País um único monumento que honrasse a memória do grande Vate; mas esta agradável surpresa pôs a descoberto outra necessidade, de sentido mais elevado, a que se não procurou dar-se ainda remédio.

A comunicação feita pela Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização, ao Governo Civil, não inclui qualquer beneficência a fazer no túmulo em que jaz, completamente abandonado, o Egrégio Poeta Moralista.

Este delicado ponto bole com a sensibilidade de todo o cidadão que se preze e saiba medir a grandeza do Homem ali sepultado, para a comparar com a pobreza do túmulo que o alberga, chegando a revoltar o estado de abandono a que foram lançados os seus restos mortais, veneráveis pelo seu extraordinário mérito pessoal e mesmo pela santidade da sua vida de moralista persistente e íntegro.

Não cremos que este assunto esteja completamente descurado, agora que já começaram a dar sinal de si as primeiras medidas para honrar a memória de Sá de Miranda, mas é necessário compreender que seria vexatório, mesmo

(Continua na 4.ª página)

FALECIMENTO

Faleceu em Lisboa, em sua residência, a Ex.ª Senhora D. Maria Ana Machado Castelo Branco Bercuo, tia-avó do Senhor D. Nuno Carvalho Daun e Lorenna, digníssimo Presidente da Câmara Municipal de Amares. O funeral, devido à alta nobreza da extinta, foi muito concorrido. A toda a Família, mas especialmente ao Senhor D. Nuno e Senhor Conde da Figueira, as mais sentidas condolências.

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

Sobressaiu nesta luta colegial o nosso finado amigo António do Carmo Velho de Barbosa, filho egrégio de Barcelos, de quem soubemos estas espécies, em nosso berço das Caldas de Vizela, estando ali a banhos este ilustrado pároco de Leça do Bailio.

Dele soubemos igualmente que o fizeram andar de convento em convento com os companheiros, em castigo da turbulência contra os superiores:—não sendo ele ainda assim dos mais punidos, graças à insinuação da palavra de que a natureza o dotara, aproveitada oportunamente em defesa própria.

Alguns dos colegiais — sem igual comprometimento escolar — pagaram em rigoroso cárcere o excesso da in-subordinação.

Deixando aqui bosquejada a história do mosteiro de Rendufe, lembrar-nos-emos sempre com saudade, que nas pedras daquelas ruínas — *tisnadas e ressequidas* — muitas há, que foram testemunhas de asperrimas penitências, dos que deixavam outrora o mundo pelo claustro.

(Continua na 4.ª página)

O CASO DE VIEIRA DO MINHO

Uma carta e uma resposta

No dia 10 do corrente, publicou este Jornal uma notícia intitulada «Carta de Vieira do Minho», em que, além da referência a um caso ali passado, dava uma ideia geral do panorama político-administrativo daquele Concelho.

Em vez de buscar o lenitivo para os males apontados, quis a Câmara enviar-nos uma carta em que pede para serem esclarecidos os pontos focados.

É isso que vamos fazer, gostosamente, trazendo ao conhecimento dos nossos leitores a dita carta e, depois, a concre-

tização de alguns casos — somente de alguns.

Eis a carta:

Vieira do Minho, 13 de Janeiro de 1959. Ex.ª Sr. Doutor António José da Costa, Dig.ª Director da «Tribuna Livre»-Amares.

Foi chamada a minha atenção para uma local respeitante a Vieira do Minho, publicada no N.º 156, de «Tribuna Livre», jornal que V. Ex.ª tão dignamente dirige.

Nessa local, é posta em causa a Câmara Municipal da minha presidência, em termos que não podem deixar de ser

enêrgicamente repudiados, pois o respectivo autor, sem revelar a sua identidade, faz insinuações e acusações que, embora pouco claras e nada concretas, não podem deixar de fomentar o desprestígio desta Câmara perante aquelas pessoas que, menos conhecedoras das realidades locais, leiam a referida notícia sem o ulterior cuidado de se informar.

Pretende, assim, esta Câmara dar ao autor da aludida local a resposta adequada, usando de uma faculdade cujo exercício V. Ex.ª por certo apreciará, até porque, sendo bem conhecidos os seus sentimentos nacionalistas de velho servidor da causa do Estado Novo, não quererá que no seu jornal seja injusta, infundada e impunemente atacada uma Câmara Municipal em cuja actuação as pessoas de bem, devidamente informadas, ainda não puderam encontrar motivos para reparos e, muito menos, para ataques declarados.

Antes de tal resposta, e para que ela possa ser amplamente esclarecedora da opinião pública, rogo que V.

(Continua na 4.ª página)

(Continua na 2.ª página)

Ordenados e os seus reflexos

A medida tomada pelo Governo de procurar melhorar dentro do possível a situação económica dos funcionários públicos mais carecidos desse auxílio, já está vastamente concebida, discutida e aceite por todos, como verdadeira obra de saneamento às condições morais e materiais dos indivíduos que prestam diariamente relevantes serviços à sociedade, sempre grata à delicadeza e rapidez com que são atendidas as partes dentro de uma repartição com margem larga para protelamentos até de interesses imediatos.

É sempre a boa remuneração que exclui más vontades e incompreensões e para que tudo corra bem e até para moralizar velhos «costumes», a medida tomada deve ter o louvor de todos, porque não haverá pessoa alguma que não tenha de recorrer a repartições públicas. No mesmo caso estão os funcionários das Câmaras Municipais, actualmente umas das repartições públicas sobrecarregadas de expediente que as obriga a uma atenta e permanente dedicação para

poderem despachar com pontualidade a vasta e obrigatória clientela.

Como não poderão ser excluídos do justo aumento de ordenados, por serem idênticas as suas condições de vida familiar e pública e não tendo muitas Câmaras Municipais receitas suficientes, terão eles de sofrer as consequências da desigualdade? Não acreditamos que isso aconteça porque

(Continua na 4.ª página)

FEIRA FRANCA e Concurso Pecuário EM AMARES

À semelhança dos anos anteriores, realiza-se na Vila de Amares (Largo D. Gualdim Pais), a já tradicional Feira Franca e Concurso Pecuário promovido pelo Grémio da Lavoura e subsidiado por este e pela Câmara Municipal, que de ano para ano tem ganho em importância pelo interesse que desde a primeira hora mereceu à Lavoura de Amares e dos concelhos circunvizinhos. O regulamento, que temos à mão, anuncia 54 prémios e sorteios entre as chamadeiras vestidas com traje re-

(Continna na 6.ª página)

AVISO

A Direcção do F. C. Amares, vem por este meio avisar todas as pessoas, que procederá judicialmente contra quem for encontrado a cortar as mimosas ou as flores das mesmas, existentes no parque de jogos. Para exemplo já foi entregue, à G. N. R. uma participação contra um morador do lugar do Outeiro, por um dos motivos acima referidos.

A Direcção



LARGO D. GUALDIM PAIS

O CASO DE VIEIRA DO MINHO

(Continuação da 1.ª página)

Ex.cia se digne informar-me sobre a identidade do autor da local referida e diligenciar no sentido de que este esclareça e concretize, por seu turno, no jornal de V. Ex.cia, as acusações e insinuações dirigidas a esta Câmara. Esperando que V. Ex.cia dê satisfação a estes justos pedidos, bem como ao de publicar esta carta no próximo número de «Tribuna Livre», apresento a V. Ex.cia os meus cumprimentos e a expressão de subida consideração.

O Presidente da Câmara,

a) Guilherme de Abreu

* * *

A carta do Senhor Presidente da Câmara de Vieira do Minho merece-nos—se quiserem—exige-nos umas considerações.

Interessa, porém, abordar dois pontos prévios, pois foi sempre nossa convicção de que o jornalista há que ter, antes de mais, o cuidado de evitar que os seus escritos possam prestar-se a confusões, sejam susceptíveis de interpretações dúbias, ou resultem mesmo equívocos.

Se o jornalista não fôr claro e unívoco, pode mesmo dizer-se que não tem capacidade para a função nem é inteligente.

* * *

O primeiro desses pontos é um ligeiro esclarecimento sobre a posição e características deste jornal.

Se o caso ora versado se passasse, por exemplo, em Vila Verde ou Braga, seriam descabidas, pelo menos desnecessárias, estas palavras, porquanto este jornal, na sua feição e objectivos, é ali bem conhecido, como o é noutras terras.

Há anos, atravessava-se no Distrito de Braga uma grave crise política (isto não serve para dizer que actualmente as coisas caminham melhor).

Um grupo de rapazes bem intencionados e cheios de boa vontade—daquela boa vontade que vai ao ponto de pôr de parte, como quem lhe tem medo, todo o sopro de egoísmo ou de fins pessoais—resolveu criar um jornal, conscientes como estavam todos os que no empreendimento se deram as mãos de que o juiz chamado «o público» continua a ser, em matéria política, a última instância e de que, consequentemente, é grande, é enorme, é decisiva a importância da imprensa.

Surgiu a «Tribuna Livre». Levantaram-se-lhe os maiores obstáculos, dificuldades de toda a ordem. Desde logo, por causa do nome. Cá e lá...

Mas nós tínhamos a certeza de que o jornal venceria o difícil e laborioso parto.

É que o punhado de rapazes que meteu ombros à tarefa, esse grupo de bem inten-

cionados inconformistas a quem os factos vieram dar, porventura continuam a dar, razão, eram dos que não podiam oferecer dúvidas, eram dos de idoneidade incontestada. Cada um nos seus concelhos e todos no Distrito.

E a «Tribuna Livre» surgiu.

Surgiu e deu logo frutos. Não vem para aqui mencioná-los. Mas cá, na região, todos o sabem: deu logo copiosos e apreciáveis frutos.

Esse grupo de preocupados com os problemas políticos manteve viva a sua chama. Reuniu-se com assiduidade e periodicamente. E, como não podia deixar de ser, engrossou.

Engrossou tanto que trouxe para as reuniões quase todos os outros jornais do Distrito.

Dadas as circunstâncias em que e por que nasceu, começaram a chegar à «Tribuna Livre» problemas de diferentes terras. Primeiro foi o problema da terra em que o periódico viu a luz. Depois foram pequenos problemas de Vila Verde. Foram grandes problemas de Braga aqui, evidentemente, de ordem económica (e aí estão a confirmá-

lo as colunas dos primeiros números do jornal). Veio, em seguida, Terras de Bouro. Vem, agora, Vieira do Minho.

E chegamos ao fim deste ponto prévio.

Nós nunca fomos a nenhuma terra meter-nos na vida pública ou privada seja de quem for. Os problemas é que, dada a índole e características da existência do jornal, vêm ter à nossa Redacção.

Sobre Vieira do Minho pode até dar-se uma informação preciosa: quando alguns filhos dessa terra—aliás, por justiça e em abono desse belo concelho, deve dizer-se que são até dos maiores valores políticos da nova geração do Distrito—quando alguns filhos dessa terra, diziamos, começaram a sentar-se à mesa da conferência da imprensa, já há muito existia a «Tribuna Livre» e já há muito eram tratados e examinados problemas distritais, já muitas situações doutras terras tinham sido ventiladas neste jornal.

Fica assim explicado como e porque surgiu, nas colunas deste periódico, o «caso» de Vieira do Minho.

* * *

O segundo dos pontos prévios para as considerações que teremos de fazer consiste numa palavra especial devida ao Senhor Presidente da Câmara.

Há muito que não escrevo em nome pessoal por entender que o órgão da imprensa vale mais que a pessoa que nele escreve e entender que o pessoalismo tira sempre valor, eficiência e virtuosidade ao processo de alcançar os objectivos propugnados no escrito.

Desta vez, porém, exacta-

mente por causa desta palavra devida ao Senhor Dr. Guilherme Abreu, eu escrevo e quero para mim o que digo.

Talvez dissesse o mesmo e mais expressivamente numa só palavra: assino.

A palavra devida ao Senhor Dr. Guilherme Abreu tem de ser antes de mais de apreço, daquele apreço que sempre tem de se ter por quem se esforça pelo bem público e pela sua terra durante largos anos. Se eu quisesse exprimir quanto de sério e consciente existe nestas afirmações, poderia dizer que conheço por experiência própria o que de sacrifício e abnegação representa estar à frente de uma Câmara, suportar esse fardo durante anos e anos, com toda a série de contrariedades que lhe são inerentes, na posição de último reduto onde, à mistura, vêm desaguar incompreensões, mal-entendidos, ingratições e responsabilidades e imputações que tantas vezes se deslocam dos ombros culpados para cima dos do ino-

cente. Mas não só uma atitude de apreço e compreensão. Em verdade e em essência, a finalidade deste segundo ponto, o que tenho em vista e claramente quero afirmar, é que não quero nem desejo que a pessoa ilustre do Presidente da Câmara saia destas considerações ofendida ou sequer menos considerada.

Estou, aliás, bem à vontade para dizer tudo quanto sei e penso sobre Vieira do Minho até porque é bem conhecido, público e sabido que os males e graves problemas ali existentes são actos reflexos de outra pessoa e, embora com menos intensidade, de outras pessoas.

Isto é verdade. E o verdadeiro responsável e seus apauados que fiquem calados. Que não nos obriguem a distrair para mais contundentes e claras manifestações o tempo que nos falece para os quefazeres da nossa vida diária e trabalhos profissionais.

Ficamos, assim, bem entendidos. Para o Sr. Dr. Guilherme Abreu a nossa compreensão, o nosso apreço, a certeza de aqui fazermos justiça à sua boa fé.

Para os que à sua involuntária sombra e à margem do seu conhecimento lançaram a vida concelhia para uma situação insustentável e intolerável, para uma situação que é um autêntico caos, para esses, o nosso combate.

E então vamos ao que interessa.

* * *

Suporão agora os leitores coisas terríveis. Dirão, talvez: o que virá? O que haverá? Não. Há muito, sim, mas acho que devemos limitá-los a uma conversa amena, a propósito do carta do Sr. Presidente da Câmara.

É certo que os outros, os

* * *

mos o casado, arregaçassemos as mangas e... malhásemos como em centeio verde. Em verdade, bem preciso é acabar com os vendilhões da política, os que passam a vida a comprometer, com as suas vantajosas tropelias e calcando os direitos dos outros, o labor e a obra de quem trabalha com recta intenção.

Mas limitemo-nos, à laia de conversa, a justificar perante o sr. Presidente e a sua carta, a atitude deste jornal. O sr. Presidente sabe como nós que, com muito pesar tanto para sua Excelência como nosso, as coisas em Vieira vão muito mal. Tão mal que não pode a presente situação concelhia aguentar-se.

Eu conheço dois casos concretos que, contados, poriam os cabelos de pé a qualquer cidadão, do norte ao sul do País e muito mais necessariamente, o poriam a qualquer que, nas esferas oficiais, deles tomasse conhecimento.

Eu conheço-os. Conheço-os directamente, minuciosamente. Se me perguntassem se tenho fotografias, eu posso dizer que até isso tenho, porque mandei fotografar os documentos que me passaram pela mão. E então se revelaria porque processos em Vieira do Minho se alcançam inconfessáveis objectivos.

Mas não refiro esses casos e outros.

Prefiro, como quem conversa, contar ao sr. Dr. Guilherme Abreu o que, há tempos, em Vieira do Minho, lá mesmo na vila, ouvi, numa roda de pessoas, onde só eu é que era de fora do concelho.

Devo dizer desde já que nem puxei a conversa, nem a quis ou desejei. Veio a talho de foice.

Já faltaria à verdade se dissesse que não fiquei impressionado.

Desde logo porque nessa roda de pessoas só havia gente de muito alta condição. Isso é que é verdade: de muito alta condição, até dentro dos quadros políticos do concelho.

Quero afirmar, alto, bom som e com toda a clareza e precisão dos termos, que não acredito em que os casos referidos nessa roda de pessoas sejam todos verdadeiros pelo menos em toda a sua extensão.

Mas interessa que o sr. Presidente creia: se um quarto, um quinto, ou menos até fôr verdade, precisa Sua Excelência de mandar averiguar e correr, a poder de azorrague, os vendilhões de Vieira.

Recordo-me de que um contava o pretenso escândalo das Escolas de Guilhofrei, dizendo que a obra—reparação geral, soalhos, forros, etc—fora posta a concurso. Concorreria um empreiteiro da Póvoa de Lanhoso cuja proposta era a mais baixa, e se proficitava a empregar materiais novos. Mas conseguiu-

se—dizia—que o concurso ficasse sem efeito para, passados tempos, ser adjudicada ao empreiteiro do costume, mais cara uma boa dúzia de contos e com a agravante do emprego de materiais velhos aproveitados.

—Pudera-dizia outro do lado! — O empreiteiro X é da terra de fulano e foi este que o trouxe para cá. Desde que ele veio, todas as obras camarárias foram para ele.

E ajuntava um terceiro:

—E vocês não se lembram de que foi requerida judicialmente a falência desse empreiteiro andando fulano atarefado em provar que ele tinha valores que todos sabiam não ter? Testemunhas arranjou, mas, pouco depois, o requerido fugia para o Brasil deixando os credores defraudados em mais de quinhentos contos.

Ainda este mal acabara de falar quando veio à conversa o que chamavam o caso dos C.T.T. Este constituiria em que os C.T.T. andam há muito à procura de casa, tendo até estudado a possibilidade de se instalarem na casa que um médico tem para alugar. Como não encontrassem nada que lhes servisse, aqueles serviços dirigiram-se a um senhor que se diz perseguido da Câmara. Este senhor prontificou-se a construir um edifício próprio para esse fim, segundo projecto a apresentar pelos próprios C.T.T. e em terreno seu, que possui na vila. A Câmara teria levantado todos as dificuldades e terá impedido até hoje a realização do melhoramento, só porque vem pela mão daquele Senhor.

—E não vêm que toda a gente de bem está contra esta situação concelhia?—asseverava outro. Vejam que quando se realizou a reunião preparatória do último acto eleitoral, nem um só membro do clero apareceu ou respondeu ao convite.

E ainda estas palavras não eram ditas quando, doutró lado, retorquiram: — Pois, sim. Mas o clero do concelho, à mesma hora, fazia noutra local uma reunião.

O que trataram ou díssem sabem-no eles. Mas a verdade é que todos, depois, colaboraram no acto eleitoral e falaram procurando que o povo desse o seu apoio ao candidato da U.N.

—Mas a Câmara também lhes pagou—diz um que comenta. Vejam que, quando das exéquias pela alma de Pio XII, nenhum elemento da Câmara correspondeu ao convite ou esteve na Igreja.

Entre os «casos» que vieram à balha, lembro-me, por exemplo, do da Misericórdia.

Seria o caso que a Misericórdia tem numa ou duas casas em Braga e, a pretexto de que rendem pouco, quer a Mesa vendê-las e, com o dinheiro respectivo, fazer outras em Vieira do Minho.

—Como se o capital, em

(Continua na 4.ª página)

TRIBUNA do CONCELHO

BOURO

As Estradas do Santuário da Abadia reclamam urgentíssima reparação

Tivemos no passado domingo, oportunidade de percorrer, de lés a lés, as estradas que dão acesso ao maravilhoso Santuário de Nossa Senhora da Abadia, apresentando-nos estas, um quadro verdadeiramente confrangedor, pelo deplorável estado em que se encontram.

É na verdade um problema muito merecedor que sobre ele se debrucem os directos superintendentes, mas dispondo da sua melhor vontade para o solucionar, no mais curto espaço de tempo, sendo como é, a alma daquele histórico Santuário, onde é elevadíssima a frequência de visitantes, porque nele se encontra a Virgem Senhora da Abadia, aquela Senhora que, segundo a história, acompanhou Portugal nos primeiros passos para a Independência, tornando possível, com a sua intercepção, a vitória do bravo D. Afonso Henriques, numa batalha em que, já esgotadas as últimas esperanças, este nosso Rei, livado de fé religiosa e patriótica, veio ajoelhar aos pés da milagrosa Senhora, solicitando auxílio para os seus soldados, conseguindo assim, triunfar e satisfazer a sua mais alta aspiração, que seria libertar-nos das potentes garras dos Leoneses, os quais exerciam sobre Portugal atemorizadora pressão.

A crença do nosso bom povo, por esta milagrosa Senhora, foi em tempos idos de tão elevadas proporções, que tomou possível a construção de um maravilhoso Santuário, das capelas, dos enormes prédios que ali existem e ainda um corte de estrada, na extensão de 5 quilómetros que, partindo do Terreiro de Bouro, segue até ao aprazível recanto da Abadia.

Mais tarde, por se tornar absolutamente necessário, elaborou a Ex.ma Confraria um plano em que figurava a construção de uma estrada, que do Santuário irá ligar à estrada do Gerês, para facilitar aos peregrinos a possibilidade de seguirem para S. Benfô da Porta Aberta, sem necessidade de voltar a Bouro como então acontecia. Porque se tornava de grande vulto a obra a emprender, houve necessidade de solicitar do Estado a sua participação, que em breve foi atribuída.

Passou a usufruir a Abadia, mais um melhoramento, que veio acarretar importantes benefícios para o local, pois se até ali havia elevada concorrência de peregrinos, a partir de então, tornou-se ainda muito superior.

Mantem-se portanto, a bem arreigada tradição do nosso bom povo, que pretendendo

manifestar o seu amor e dedicação à Virgem Senhora da Abadia, organizam excursões, juntando assim elevadíssimo número de autocarros, que todos os domingos, especialmente na época do verão, se deslocam àquele Santuário.

Prevê-se no entanto, que a concorrência pode desvanecer, motivada pelas precárias condições das estradas de acesso, visto que estas, pela sua diminuta largura não permitem uma passagem regular aos modernos autocarros, e isso contribui para reduzir, em larga escala, o número de visitantes, pois são enormes as dificuldades que as empresas apresentam a estes, quando vão alugar as respectivas viaturas.

Sabemos bem que a Mesa Administrativa procura a todo o transe remediar este grande mal, mas para esta, estamos certos que é inteiramente impossível, pois devemos notar que são nada menos 12 quilómetros de estradas e que uma pequena reparação apenas no piso, acarreta à Confraria grandes despesas, que por vezes tem imensas dificuldades em custear, dado o elevado número de outras a que tem de fazer frente.

O Problema, já várias vezes discutido nas reuniões da Confraria e até em Assembleia Geral, merece, como acima dizemos, a verdadeira atenção de quem de direito.

Urge, que sem demora, se proceda à reparação da estrada, para que o bom povo Português, mantendo a tradição que já vem dos princípios do Século XII, disponha das indispensáveis conveniências para poder continuar a afluir àquele maravilhoso recanto e prestar assim o seu culto à milagrosa Virgem Senhora da Abadia, a quem bem podemos chamar a Mãe de Portugal.

Confiamos no espírito de justiça dos homens que no assunto superintendem, e cremos por isso que teremos, muito breve, a respectiva participação do Estado, solicitada pela Ex.ma Confraria, há já bastante tempo.

Assim o esperamos, para que a Virgem Senhora da Abadia, a verdadeira mãe de Portugal, mantenha a sua primazia, nunca desvanecendo a fé e o amor de todos os que se prezam de habitar este querido torrão Lusitano, que só o devemos à milagrosa Senhora da Abadia.

A. Fernandes

Assinai e propagai a «Tribuna Livre»

Caires Falecimento

Há dias faleceu nesta freguesia de Caires, no lugar do Paço, a senhora Francisca Teresa Brandão, conhecida por Francisca Pinheiro, viúva, de 88 anos de idade.

Teve uma morte edificante e o seu funeral foi muito concorrido, bem como a missa do 7.º dia.

Pertencia à família mais numerosa desta freguesia, pois entre filhos, netos, bisnetos e tetarinetos que já possuía, perfaz a linda prole de 109 pessoas. Apesar de pobre, era uma pessoa estimada.

Paz à sua alma. À sua extensa família, mormente ao seu neto o Senhor Armando da Farmácia, as nossas bem sentidas condolências.

Aniversários natalícios

No passado dia 17, fez 49 primaveras a Senhora Clara da Conceição Vieira, de Amares, e no dia 18, fez 64 anos, o Senhor Manuel Joaquim Alves, do lugar do Freixeiro, desta freguesia de Caires, onde é benquista proprietário. Que estas datas se repitam por largos anos, no seio das famílias, são os nossos votos bem ardentes.

S. Sebastião

No próximo domingo, celebramos a festa deste glorioso Santo popular, advogado contra a fome, peste e guerra, os três maiores flagelos da humanidade.

Movimento Religioso

Durante o Ano findo de 1958 houve nesta paróquia de Caires, 3 baptizados, 12 casamentos e 13 óbitos.

Não foi demais para uma população de 1.300 pessoas. O nosso povo, ganha, felizmente muito dinheiro, mas falta-lhe o espírito de economia. Chapa ganha, chapa gasta.

C.

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos :

Hoje—O Snr. António de Almeida.

Amanhã—O menino Augusto de Barros Azevedo.

Segunda-feira—O Snr. António Geraldino dos Santos Menezes.

Terça-feira—O Snr. Manuel Armindo Victoriano Veloso Soares, e o Snr. Narciso Augusto de Jesus Gonçalves.

Quarta-feira—A menina Maria Teresa de Jesus Gonçalves.

CARRAZEDO

Sá de Miranda

Nunca é tarde para se fazer Justiça.

A personalidade literária de Sá de Miranda está tão vinculada no espírito dos homens apreciadores da literatura e poesia que será demasiado exaltá-la mais para que o seu valor imponha o dever de o consagrar. Vai sê-lo, disse a rádio ao Mundo inteiro um dia destes. Essa notícia vem dar satisfação ao dever sagrado de se fazer Justiça a quem tudo fez para enriquecer a Pátria amada de um património, de um tesouro inigualável e insubstituível. É um legado gratuito que a Pátria só pode pagar com a gratidão.

Infelizmente todas as tarefas se reservaram para a actualidade. É a nossa geração que em todos os sentidos está a resgatar o desprezo, o desleixo botado pelos nossos antepassados a tudo que lhes pertencia, a tudo que eram deles, como é nosso. As ruínas morais e materiais de um povo que tem uma história admirável de grandeza, estão a ser

BARREIROS

Avelino José Ribeiro

Realizou-se ontem, pelas 10 horas, na freguesia de Barreiros o funeral do Snr. Avelino José Ribeiro, cujo desenlace se tinha verificado no dia 16. Muitas pessoas de todas as categorias sociais e autoridades acompanharam o cadáver e assistiram ao piedoso cerimonial religioso que teve lugar na igreja parochial.

O Presidente da Câmara estava representado pelo seu vice-presidente, Sr. Adão Russell por ausência na capital, onde está a tratar de assuntos de interesse para o Concelho.

Ao Cônego Dr. António José Ribeiro, a seu irmão Padre José e restante família, renovamos o nosso pesar.

C.

Tribuna de Vila Verde

(Continuação da 6.ª página)

mento de água nos pântanos que existiam nas Lagoas, nos limites das freguesias de Prado e Cabanelas, deste concelho, que ele, na sua qualidade de Sub-Delegado de Saúde, de há muito drenou convenientemente, aconselhando ainda a plantação de eucaliptos na referida zona a fim de melhorar a desinfecção.

Se todos cuidassem do cumprimento do dever como faz o Snr. Dr. Ribeiro Guimarães, a humanidade gozaria melhor a sua custa passagem pela terra e não sobriaria tempo para... louca ou maleficamente se inventaram... as tais experiências.

C.

agora reconstituídas com sacrifício insano e com ingratidões repugnantes. Mas a história também não há-de esquecer quem foram os verdadeiros recuperadores das tradições gloriosas e materiais de um povo que vive ainda nas cinco partes do Mundo.

Aguardemos, pois, com esperança, o resultado dos esforços dos nossos amigos Amarenses que meteram ombros à obra do levantamento de uma estátua ao homem de «Um só rosto e de uma só Fé», esforços esses coadjuvados pelo digno Presidente da Câmara e acarinados pelo grande e indito Ministro da Educação Nacional.

Aqui, Broxelas — Belgica (Bombons com clorofórmio)!

A ordem dos médicos dirigiu uma exposição ao Ministério da Saúde Pública sobre o emprego, pelos confeitores, de clorofórmio na fabricação dos bombons, especialmente vendidos na proximidade das escolas, pois os bombons com éter são da predilecção das crianças... belgas. Análises feitas a esses bombons levaram a concluir que contêm uma dose de 3 centigramas de clorofórmio, o que faz as crianças chegarem às escolas e começarem a deitar-se sobre as carteiras, não podendo de modo algum tomar atenção às aulas e tendo muitas vezes indisposições. *Em Portugal, com certeza, não se vendem desses bombons embora todos gostem de coisas estrangeiras, por serem as melhores menos os bombons de Bruxelas.* (Extraído do Diário de Notícias de Lisboa n.º 33.334 de 14/12/58.

C.

HUMORISMO

Catequese para Adultos

Uma donzela vai á catequese. O reverendo pergunta-lhe:

—Quantos são os mandamentos da Lei de Deus?

—São nove.

—Nove?

—Sim, senhor.

Então diga-os.

—A menina enuncia os mandamentos; mas quando chegado ao nono (não desejarás a mulher do próximo), suprimo-o e passa adiante.

—Então? Falta um—dis o padre.

—Não, senhor. Para as mulheres são só nove.

Esse a que o senhor padre se refere, aplica-se somente aos homens.

MONOGRAFIA DO CONCELHO

(Continuação da 1.ª página)

Muitas há, que presenciaram ali nos ministros de Cristo — com o volver incessante dos séculos — muita vida de fé, apoiada na crença; muita vida de esperança confiada no galardão; muita vida de caridade liberalizada na esmola.

Montebelo diz que na capela colateral de S. Plácido, de que foi fundadora, sepultou-se D. Mór Mendes de Vasconcelos, filha de Mem Rodrigues de Vasconcelos, a quem D. Dinis deu a torre de Penagate para se recolher com os seus, contra a possível perseguição do futuro Afonso IV.

A freguesia de Rendufe compreende os seguintes lugares:

CARVELAS, FAIA, EIDO, RIO TINTO, OLHEIROS, NEVES, MONTE, TERROES, PICOTO, VALBOM, BOUTAS, S. FINS, GORDA, COVA, MOSTEIRO.

Em 1706 tinha 114 fogos; em 1875 ia nos 161 com 829 almas; agora 224 por 934 habitantes; quer dizer, relativamente a outras suas vizinhas, tem sido bastante vagaroso o seu crescimento populacional; vive apenas da sua rudimentar agricultura.

SEQUEIROS

Está situada em terreno acidentado, nas faldas setentrionais do monte de S. Pedro-fins, veriente do Homem, nos limites do concelho, a confinar com a freguesia de Souto, que durante muito tempo foi sua anexa.

O padroeiro é S. Paio. Foi antiga e importante abadia da apresentação da mitra, passuidora de grandes réditos e privilégios, com pesqueiras no rio e outros foros, que tudo, o tempo levou.

Está distribuída pelos lugares da Igreja, Paço, Cancellaria, Pousada, Quinta, Barrio, Pitães, Tojal, Ramalva.

Em 1706 tinha 39 vizinhos; em 1875 ia nos 60; agora anda pelos 90 com 450 habitantes.

Elevam-se, em seus contornos, três eminências, cada qual coroada outrora por sua estação pre-histórica e, nesse mesmo pé e fundamento, a lenda das «mouras encantadas», com absoluto desprezo de romanos e outros povos que antes e depois deles por aí passaram, gerou-se assim na fantasia da gente uma superstição que tem o seu sentido neste estribilho, que o Senhor abade João de Freitas, atento e conhecedor de todos os pormenores, não deixou passar despercebido:

*Entre Sam Julião (em S. Vicente)
Castelhão (de Sequeiros)
E Sam Sebastião (de Caldelas)
Está o sino d'ouro
Do Rei Mourão.*

E neste *ão, ão, ão* onomatopaico está o timbre dos acordes profundos desse «precioso sino que encheria de ouro a terra»... talqualmente as *arcas de Montemor: «empedernidas, cerradas, peçadas uma de ouro, outra de peste»*...

Por toda a parte as mesmas fantasias e tradições, as mesmas características expressões da alma popular.

Segundo uma notícia fornecida a P. Leal, pelo então abade de Caires, José dos Santos Moura, nasceu nesta freguesia, a 2 de Fevereiro de 1804 e foi baptizado a 5, pelo abade Simão Pereira da Silva — *João Manuel Pereira* que foi comendador da Ordem de Cristo; cavaleiro das Ordens de N. Senhora da Conceição de Vila Viçosa e de S. Bento de Avis, condecorado com a medalha de D. Pedro e D. Maria II, coronel de artilharia e governador militar da praça de Abrantes, onde faleceu a 17 de Novembro de 1866. Era filho legítimo de António José Pereira e de Teresa de Barros, lavradores locais; e havia casado com D. Ana Emília de Faria.

* * *

A matriz tem gravada na padieira da porta principal a era de 1692.

Definida por alpendre sobre várias colunas de granito, com o velho portal ameado, em plano inferior, e que dava acesso ao quinteiro da residência, todo este conjunto presta-se admiravelmente a servir de belo motivo a um pinçel; e parece que já o vimos, representado por mãos de artista, nas tintas de uma aguarela, na sala de visitas do presbitério da vizinha Caldelas.

Do aspecto exterior do edifício da igreja, ao estilizado dos seus altares, um joanino bastante singelo,

O recinto do adro tem bons muros de suporte e da parte de dentro vê-se apenas as bases de pedra em que se alojavam os pés das cruzes da via-sacra.

(Continua no próximo número)

Ordenados e os seus reflexos

(Continuação da 1.ª página)

se foi difícil a solução do problema para os já beneficiados, não o será para um número de indivíduos relativamente limitado, porque nem todas as Câmaras estarão deficitárias e a Nação não regateia sacrifícios quando se defendem causas justas como é a equiparação dos ordenados dos funcionários Municipais.

Elísio Gonçalves

Visado pela Censura

O Caso de Vieira do Minho

(Continuação da 2.ª página)

prédios — comenta-se do lado — rendesse mais em Vieira que em Braga!... Não. O que é preciso é haver mais obras para fazer...

E, doutro lado, ajuntam-vejam que, quanto à casa de tal parte (Braga) havia quem desse mil escudos só pelo rés do chão. Pois arrendaram-na toda a fulano por 800\$00.

Eu não me lembro de tudo, como é óbvio, mas recordo que um dos casos que mais me impressionou foi aquele a que chamaram o «caso do Abade».

Segundo o que ouvi, ter-se-ia constituído uma comissão para construir a decantada igreja da vila.

A certa altura, um indivíduo teria feito a maior oposição por conveniências particulares e teria conseguido em seu favor a boa vontade da Câmara.

Esse particular teria até conseguido que a Câmara chamasse o Pároco à sua presença e do dito particular, ao edifício municipal.

Ali, esse particular teria insultado e ofendido gravemente o mesmo Pároco, a ponto de este pedir providências à autoridade presente.

Como tais providências não foram tomadas, o ofendido teria abandonado a reunião. Parece que, nessa altura, quem devia impôr respeito estava tão irado, que teve de mandar buscar qualquer bebida a um café.

Por sobre tudo isto, teria o Pároco sido vaiado e insultado, em voz alta, à saída do edifício, pelo principal fautor de desordem de Vieira do Minho.

Disseram mesmo que, logo um ou dois dias depois, foi mandada a G.N.R. a casa do Pároco, num dia de feira, para o trazer preso, em espectáculo público oferecido aos feirantes, o que só não acontecem por aquele estar ausente. O perseguido teria mesmo fugido do concelho para onde só teria voltado depois de uma autoridade superior intervir e assegurar o respeito pelo zeloso sacerdote.

O Monumento a Sá de Miranda não Basta!

(Continuação da 1.ª página)

imperdoável, que fosse inaugurado um monumento, festivamente, sem uma romagem ao túmulo, que a dar-se, nas circunstâncias em que actualmente se encontra, seria deveras comprometedor para as autoridades ou membros do Governo que a ela viessem a presidir.

O monumento impõe-se, visto ser o primeiro que honra à memória do Poeta-Filósofo; o arranjo do túmulo é, porém, outra necessidade paralela em urgência e superior em significado!

Muitos se têm debatido por esta solução, desde há muitos anos, na imprensa, no livro, na própria Assembleia Nacional, sem que o eco das palavras ou a aguda penetrabilidade das ideias conseguissem ferir a sensibilidade embotada de quantos tinham obrigação de escutá-las e senti-las com devoção.

Parece, todavia, dada por terminada a campanha, se é que, realmente, as coisas se passam como manda a lógica: monumento e túmulo a inaugurar na mesma data, para que todos possamos, sem qualquer peso de consciência, festejar condignamente o acontecimento.

Anima-nos a confiança de que assim seja e supomos que só devido a formalidades burocráticas, não vencidas a tempo, deixou de comunicar-se também ao Ex.º Governador Civil, juntamente com o monumento, a inclusão das necessárias obras a levar a efeito no túmulo abandonado.

Julgamos, também, ser ponto assente, não fazer-se qualquer remoção dos restos mortais de Sá de Miranda com a obra a realizar, o que poderia dar origem a lamentáveis confusões de identificação, visto ali estarem sepultados, entre outros parentes, sua esposa D. Brionlanja de Azevedo e seu filho Jerónimo.

Ali ficará, onde quis fazer, junto aos seus, em eterno colóquio espiritual, que a sua alma de poeta continuamente interpretará em preces rimadas, em cânticos de divina inspiração.

Façamos do seu túmulo morada condigna e abairém-nos dele com o mesmo respeito de admiração com que foi festejado por essa academia de homens ilustres que conviveram com ele e lhe admiram as virtudes e o saber.

Honremos, condignamente, a memória do enamorado desta região de Entre-Homem e Cávado, de tão belas tradições históricas e a que legou, com o seu indiscutível valor, um dos mais belos títulos de glória, por nela querer ficar para sempre e ter sido cantada em suas páginas imortais, com hinos inspirados na edilícia beleza das suas paisagens de sonho.

Saldemos a velha dívida para com o nosso Sá de Miranda, embora tardiamente, mas sem reservas — com juros acumulados, se possível; só o monumento, não basta!

E M E

**ASSINA E
PROPAGAI**

A

**«TRIBUNA
LIVRE»**

António José da Costa

Tribuna Desportiva

Vaticínio

Ao contrário do que pre-
viamos, o guia e o seu mais
directo adversário, não pas-
saram socegada a jornada
do passado domingo.

O Benfica não passou de
2-1 frente ao Covilhã, que
talvez por envergar camisolas
iguais ao Sporting lisboeta
quis dar a sensação de que
se tratava de um Benfican-
-Sporting-pai. Na realidade,
o filho soube complicar me-
lhor as coisas aos encarnados
do que o grupo de Alvalade,
quando da sua deslocação à
Luz. O Belenenses também
não estava muito à vontade.
Sofrendo logo de entrada um
golo, o grupo de Belém não
pôde agir, chegando mesmo
a consentir uma segunda bo-
la que ninguém viu mas que
a ser confirmada daria 2-0
aos estudantes. Se assim tem
acontecido, o Belenenses para
vencer teria de marcar 3 go-
los, o que já não era tarefa
fácil. Felizmente para os azuis
nada disso aconteceu, acan-
dando por vencer com inteiri-
za justiça, não perdendo de
vista o guia do torneio, que
procura todas as oportuni-
dades para aumentar o avanço
de um ponto. Na jornada
que se aproxima, já as coisas
irão mudar de figura. Be-
lenenses e F. C. do Porto têm
deslocações difíceis, enquan-
to o Benfica actua em casa
com o Torriense. Conseguirá
o Benfica aumentar o avanço
no próximo domingo? Anali-
semos a próxima jornada
e vejamos as possibilidades
de cada um quanto aos
jogos que lhe cabe disputar.

O Sp. de Braga vai até às
Caldas. Jogo difícil para os
Bracarense; não pela cate-
goria do Caldas que na ver-
dade está em maré baixa, mas
sim pelo facto de jogarem no
campo destes e quando o
adversário não pode perder
a partida. Os minhotos pos-
suem um agrupamento bem
afinado, mas olhando às difi-
culdades que vão enfrentar,
optamos por este resultado.

CALDAS, 2 — BRAGA, 1

Os campeões nacionais re-
cebem em Alvalade o Lusitano.
Embora os Leões não
estejam no seu melhor, serão
os vencedores certos deste
encontro e por margem que
não dará motivo para reparar.

SPORTING, 5 — LUSITANO, 1

A Cuf recebe o V. de Se-
túbal. Se olharmos às possi-
bilidades das duas equipas
diremos que os Setubalenses
reunem melhores condições
para vencer o encontro, mas
como o factor casa é impor-
tante nestes jogos e como os
rapazes de S.ta Bárbara ne-
cessitam da vitória, vamos
por um lado.

CUF, 2 — V. DE SETÚBAL, 1

O F. C. do Porto vai até
Guimarães, onde já tombaram
2 grandes. O mais curioso a
apontar neste pormenor, é o
facto do Vitória ter vencido
os primeiros classificados e
ter sido derrotados pelos
Leões que estão afastados da
conquista do título. O que
acontecerá agora ao F. C. do
Porto? Estamos em crer
que os Portuenses não per-
derão a partida. Isto é um
vaticínio e uma opinião pes-
soal, não tirando a hipótese
de os Vimaraneses saírem
vencedores. Vamos arriscar
este resultado, esperando que
os Vimaraneses não levem
a mal.

GUIMARÃES, 1 — F. C. DO PORTO, 2

A Académica recebe o Bar-
reirense. Se os estudantes
repetirem a exibição do pas-
sado domingo, serão vence-
dores certos do encontro. O
Barreirense é uma equipa
aguerrida e não se entrega
com facilidade, mas na nossa
opinião, desta vez não evita-
rão a derrota.

ACADÉMICA, 3 — BARREIRENSE, 1

O guia do torneio recebe
o Torriense. Jogo tranquilo
para os encarnados, que irão
estar à espreita do que possa
acontecer ao Belenenses na
Covilhã. O Benfica vencerá e
por margem folgada.

BENFICA, 4 — TORRIENSE, 0

Finalmente um dos jogos
mais importantes efectua-se
na Covilhã. O Belenenses
desloca-se à Serra em viagem
pouco tranquilizadora. Con-
tinuará a invencibilidade do
grupo de Belém? É difícil
responder a esta pergunta até
porque os Serranos têm ne-
cessidade extrema de vencer.
Um empate não estaria mal
para as duas equipas, mas
vamos tentar este resultado.

COVILHÃ, 1 — BELENENSES, 2

E pronto amigos leitores,
ficamos hoje por aqui. Até à
próxima jornada se Deus
quizer.

M. JANELA

TRIBUNA DO CONCELHO

A Residência Paroquial na freguesia de Besteiros

Aquela freguesia, pela sua
pequenês e exiguos recursos,
tem vivido, para fins eclesiásti-
cos, anexa a outra, a mais pró-
xima.

Não obstante as duas pri-
meiras circunstâncias, animados
os seus habitantes por um lou-
vável entusiasmo, seu ou em-
prestado, e por um acendrado
bairrismo, querem adquirir uma
residência paroquial por com-
pra ou construção, porque a
que possuiu foi confiscada du-
rante a pilhagem no advento
da República.

O penúltimo pároco já nas
suas palestras dominicais, sen-
tindo a falta de autonomia
daquela freguesia, advertiu re-
petidas vezes os seus paroquia-
nos das más condições em que
ficariam quando a deixasse; e
deixou-a de facto, porque fale-
ceu.

Finou-se com disposição dos
seus bens temporais, mas do
número das dâdivas nela pos-
tas não consta qualquer impor-
tância para esta sacrossanta
obra que servisse agora de es-
tímulo e de exemplo para aque-
les que, apesar de observarem
com mágua e estranheza este
seu gesto contraditório, terão
de contribuir para ela.

Ora, o testamento, é uma
das grandes operações da nos-
sa existência, senão a maior.
Nele fica estampada toda a
nossa subjectividade. E' a alma
da pessoa que se finou que
nele fica posta a nú, eterna-
mente. E' a imagem dos seus
sentimentos e da sua sinceri-
dade durante a vida.

Porque teria então aquele
pároco orientado alguns dos
seus recursos em sentido tão
diferente daquele que durante
a vida manifestou, sendo ele
dotado de nobilíssimos senti-
mentos cristãos e pessoa, além
do bem intencionada, sincera?

Visado pela Censura

MÁQUINA

REGISTADORA

NATIONAL

INFORMA-SE NA REDACÇÃO
DESTE JORNAL

SOBRE A VENDA DA
MÁQUINA SUPRA, APE-
NAS COM UM ANO DE
USO.

EM ESTADO IMPECÁVEL

Modelo Moderno

ASSINAI E PROPAGAI

«A TRIBUNA LIVRE»

MONOGRAFIA DE TERRAS DE BOURO

(Por DOMINGOS M. DA SILVA)

N.º 16

(CONTINUAÇÃO)

*E nam se levaram na dita terra agora nem em
ninhu tempo ninhus outros foros nem trebutos allem
dos acima coutheudos.*

*E os montados e manynhos sam todos livremente
dos moradores da terra e faram delles como quiseram
como cousa sua propria porem quando se ouverem de
dar ou tomar sera segundo nossa ordenaçam e nam
doura maneira.*

E a pena do foral he tal em tudo como Guimaraes.

*Dada em a nossa muy nobre e sempre lial çidade
de lixboa aos XX dias do mes doytubro Anno do na-
cimento de nosso snõr ihu xpo de myl e quinhentos e
XIII. E vay scpto ho original em seis folhas sobscpto
e assynado pollo dito fernam de pina.*

A certidão deste foral, em pergaminho, e com artística
iluminura de fachada, conserva-se ainda guardada nos cofres
municipais, como preciosidade que é, de certo valor.

No livro dos forais novos, vem o original a folhas LIX
e verso; a seguir, como se descobre na gravura, está o do
antigo concelho de Monte Longo, que agora é o de Fafe.

E vem a pretexto esclarecer que, pelo menos aí pelo
século dezasseis, constituia uma circunscrição eclesiástica,
dignidade anexa ao cabido primacial de Braga, a *Terra do
Dayado antre homem e cadavo e monte longo*; assim co-
mo até muito mais tarde, ou seja, princípios do novo regime,
se manteve a *Visita de Entre-Homem e Cávado e Vale
de Tamel* — estas e outras unidades de natureza política ou
religiosa, que a revolução liberal tratou de abolir para sem-
pre, mas em todo o caso não convém perder de vista.

Pelo presente foral se vê quanto anda a aqui pesada a
tributação, sobretudo de eiradega e lagaradega, ou seja de
secos e líquidos, onde a produção de vinho ainda hoje mes-
mo é tão escassa, principalmente nas terras altas e frias;
quão poucos lugares foram mencionados, que não pagassem
avultados direitos à coroa; e a senhoria, primeiro a casa de
Azevedo, depois a da Tapada, quase não passou de simples
mercê honorífica, *in nomine*, a concessão de um domínio
territorial que repetidamente os monarcas lhe fizeram, mais
pela vantagem da defesa e guarda da *frontaria-môr* da Por-
tela que pelas rendas destas terras enfeudadas poderiam usu-
fruir.

Assim se explica que o vínculo da Tapada, vivendo de
sempre com as dificuldades iniciais, desde a sua instituição
na descendência de Sá de Miranda, como morgadio de pe-
quenos réditos que foi, mal pôde resistir no tempo aos na-
turais percalços da fortuna.

Com o senhorio do pequeno concelho de S. João de
Rei, que cumulativamente teve, os actuais representantes
Entre-Homem e Cávado, de uma nobilíssima casa e títulos
de família que foi senhora de dois concelhos, e são *D. Mar-
quesa de Azevedo Sá Coutinho, D. João de Azevedo
Sá Coutinho (falecido), D. Maria Manuela de Azevedo
Sá Coutinho*, casada com Adão Arantes Russell, Vice-
-Presidente da Câmara, e *D. António de Azevedo Sá
Coutinho*, dos mesmos serviços; prestam aos destinos da
municipalidade, sem quaisquer outros remanescentes que
não sejam os do sangue e da tradição, a mesma colaboração
efectiva e comum a todos os demais seus concidadãos.

Com estes argumentos, responde, sem paixões, um ho-
mem do povo a muitos dos detractores dos antigos privilé-
gios e prepotências da velha fidalguia que, quando eles co-
meçaram efectivamente a verberá-los e a trazerem em seu
auxílio episódios tendenciosos, colhidos em determinados
períodos da história, já as honras e regalias da nobreza não
passavam do simples engodo de que os monarcas se serviam
para recompensar os serviços de alguns leais servidores.

* * *

Nos limites do concelho de Terras de Bouro acham-se
actualmente dezassete freguesias: *Balança, Brufe, Campo,
Carvalheira, Chamoim, Chorense, Cibões, Covide, Gon-
doriz, Moimenta, Monte, Ribeira, Rio-Caldo, Souto,
Valdozende, Vilar de Chamoim e Vilar da Veiga.*

As de *Cibões* e *Gondoriz*, extra limites territoriais de
Entre-Homem e Cávado, por se situarem na margem direita
daquela, já haviam sido da jurisdição do Julgado de Bouro,
pelas inquirições de 1220; dele excluídas pelas de 1258, para
conformarem o de Regalados.

(Continua no próximo número)

Visado pela C. de Censura

Drama Passional

Por causa de uma mulher casada que consentia o requesito, realizou-se no Tribunal de Amares, sob a presidência do íntegro magistrado corregedor sr. Dr. Francisco Carcavelos, o julgamento de José da Cunha, jornalista, residente na freguesia de Prozel, deste concelho; acusado do crime de morte praticado em Setembro último, na pessoa de Joaquim Martins Abreu, casado, jornalista, da freguesia de Besteiros, apaixonado por devaneios amorosos, profissional de roubos da honra e da felicidade alheia que, aproveitando-se, talvez da miséria moral ou física de que muita gente padece e há-de querer padecer, morreu, deixando um homem na cadeia e uma mulher candidata ao meretrício, aquela que numa hora fatal provocou a morte involuntária de um homem que ainda podia ser na vida um bom elemento; e que se chama Teresa Maria de Lima. Que o mistério do crime sirva de exemplo ou lição àqueles ou àquelas que não sabem ocupar o seu lugar na vida, traindo um juramento de fidelidade que Deus não pode perdoar porque foi o juiz do seu matrimónio sagrado. O réu foi condenado em 18 meses de prisão correcional, sendo-lhe levada em conta a pena de prisão já sofrida.

Elisio Gonçalves

FEIRA FRANCA E CONCURSO PECUÁRIO EM AMARES

(Continuação da 1.ª página)

gional, nota muito característica neste certame. Damos a seguir uma relação dos prémios, extraída do respectivo regulamento. A inscrição para o Concurso Pecuário é feita, gratuitamente, no Grémio da Lavoura de Amares.

PRÉMIOS

Gado de Talho

(Bols de maior peso vivo)

1.º Prémio, 300\$00; 2.º prémio, 200\$00; 3.º Prémio 100\$00; 3 sorteios de 20\$00 cada um (para chamadeiras com traje regional).

Bols de Trabalho

N.º 7 do Regulamento

1.º Prémio, 200\$00; 2.º Prémio, 100\$00; 3.º Prémio 50\$00; 3 sorteios de 20\$00 cada um (para chamadeiras com traje regional).

Vacas de Trabalho

À melhor junta, 150\$00; 2.º Prémio, 100\$00; 2 sorteios de 20\$00 cada um (para chamadeiras com traje regional).

Touros Reprodutores

1.º Prémio, 100\$00; 2.º Prémio, 50\$00.

Gado Cavalari

Macho ou fêmea

1.º Prémio, 100\$00; 2.º Prémio, 50\$00.

Touros sem Desfecho

À melhor junta, 100\$00; 2.º Prémio, 50\$00; 1 sorteio de 20\$00 (para as chamadeiras com traje regional).

Touras sem Desfecho

À melhor junta, 100\$00; 2.º Prémio, 50\$00; 1 sorteio de 20\$00 (para as chamadeiras com traje regional).

Touros a dois Dentes

À melhor junta, 100\$00; 2.º Prémio 50\$00; 1 sorteio de 20\$00 (para as chamadeiras com traje regional).

Touras a dois Dentes

À melhor junta, 100\$00; 2.º Prémio, 50\$00; 1 sorteio de 20\$00 (para as chamadeiras com traje regional).

Porcos de Engorda

N.º 7 do Regulamento

1.º Prémio (pesando mais de 200 quilos), 100\$00; 2.º prémio, 50\$00.

Porcas de Criação

À de maior valor, 50\$00; 2.º Prémio, 30\$00.

HOMENAGEM ao Rv.º Dr. Francisco António Gonçalves

Como prometemos na notícia anterior, vamos transcrever o discurso do nosso colaborador Sr. Fausto Feio, proferido no almoço de homenagem ao Rv.º Dr. Francisco António Gonçalves.

Meus Senhores:

Eu pertenci àquela Mocidade Portuguesa, àquela Juventude que há 20 anos desfilou garbosamente pelas avenidas e praças de Lisboa, a transbordar de esperanças, «cantando o rindo», de olhos postos no fundo da Pátria, arrebatando multidões para as fazer vibrar até às lágrimas com a sinceridade dos seus cânticos em que se antevia aquela certeza de que falava o Chefe e na qual continuo a acreditar com toda a minha fé: «Portugal pode ser, se nós quisermos, uma grande e próspera Nação!»...

Sim, meus senhores, eu pertenci àquela mocidade combativa mas não prepotente, disciplinada mas não conformista, obediente mas não servil que nascida como a flor silvestre entre as ruínas duma geração

falida, acabava de receber nas suas mãos trémulas de ansiedade e de emoção o facho ardente da alma heroica dum povo com oito séculos de história!...

Não admira, pois, que, formado o meu carácter naquela escola de nobreza e altivez, naquele clima febril do mais puro e são nacionalismo, passados tantos anos de justificada expectativa, eu permaneça com o mesmo espírito irrequieto da minha juventude, de tal forma que me tem sido extremamente difícil adaptar-me à quietude dos hábitos rotineiros e burgueses a que fui forçado! De facto, continua a fervilhar-me no sangue a mesma ânsia, a mesma insatisfação, o mesmo vibrante interesse de vêr a Nação caminhar a passos cada vez mais largos e decididos no caminho do progresso e da grandeza!

Diz-se, com verdade, que o tempo e a rotina vão corrompendo os homens, tornando-os acomodaticios, subservientes, videirinhos!

Eis o motivo, meus senhores, porque volvidas duas décadas sobre aquela minha geração juvenil, é de certo modo título de justificado orgulho poder afirmar com esta independência e clareza que são meu timbre que para além de todas as desilusões e incompreensões, longe, muito longe, portanto, daqueles sentimentos mesquinhos e egoístas que inferiorizam os homens, deturpam as doutrinas e comprometem as causas, permaneçam íntegros no meu coração os mesmos ideais e as mesmas ansiedades da minha juventude sem que o tempo me tenha predisposto a vergar-me aos pés dos homens para os incensar com lisonjas e homenagens pífidas! Por essa razão, Ex.mo Senhor Dr. Francisco Gonçalves, se hoje aqui venho testemunhar-lhe publicamente o meu mais profundo respeito e subido apreço pelas altas virtudes que caracterizam a sua personalidade ilustre, faço-o inteiramente livre de qualquer coacção ou compromisso, livre de qualquer interesse pessoal! Sempre procurei ser independente! Por isso, se aqui vim foi um imperativo da consciência e da justiça que me ordenaram que o fizesse mas com toda a dignidade, isto é, sem exageros fáceis, semlouvaminhas, e principalmente de cabeça erguida, sem dobrar a minha espinha.

De resto, nem V. Ex.ª me consentiria, nem eu próprio seria capaz de o fazer por ser contrário à minha congénita índole de soldado! E V. Ex.ª sabe perfeitamente, porque o é, que entre soldados, mesmo das patentes mais distantes, só são dignificantes as posições verticais, altivas e apuradas!

Além do mais sou por temperamento refratário às pú-

blicas exhibições de vassalagem já porque não quero dar lugar a erróneos juízos já porque na verdade nenhum outro vínculo me liga a V. Ex.ª que não seja o de uma grande estima pessoal e uma sincera gratidão pelo bem que espalhou na terra onde nasci, onde vivo e onde espero fechar os olhos para todo o sempre!

É que, como bom vilaverdense que me prezo de ser, nunca neguei nem negarei os meus louvores aos homens que como V. Ex.ª tão abnegada e sacrificadamente serviram os interesses superiores da minha terra e por ela trabalharam como verdadeiros precursores do seu progresso dentro daquele espírito moço e renovador que o movimento do 28 de Maio fez verter na alma de Portugal doente e cujo ímpeto ainda pude sentir na minha já distante adolescência! A obra de V. Ex.ª como Presidente da Câmara Municipal de Vila Verde — é essa que sobremaneira me interessa destacar — foi de tal forma notável que faz parte da breve mas brilhante história deste jovem concelho!

Dela nos fala a conceituada revista A. B. C que em 1930 pôde escrever com todo o seu entusiasmo as seguintes palavras: «A poucos quilómetros de Braga, entre massiços de verde jante arvoredo, cercada de extenso e maravilhosos panoramas, fica Vila Verde, um dos mais belos trechos do nosso Minho. Na nossa passagem por ali podemos constatar o que já nos haviam dito. Vila Verde pro-

Coisas que é necessário esclarecer

Relativamente ao que já por nós foi dito com referência à vacinação contra a paralisia infantil, que, pelo menos neste concelho, se continua a fazer às centenas por dia, com todo o carinho que é peculiar ao Ex.mo Sr. Dr. Ribeiro Guimarães, dig. mo Sub-Delegado de Saúde neste concelho, ouvimos a alguém (que felizmente não é deste concelho, nem nele vive) dizer que este trabalho não passa de uma experiência... etc., exercida nas crianças!!! Eu respondo que, quem tal se atreve a dizer, de duas uma: ou é pobre de espírito, ou as suas palavras são malignamente objectivas, ou possuirá até os dois predicados. Devemos ter em conta que, pelo Ministério de Saúde e Assistência está a ser despendida com esta vacinação uma quantia que se eleva a alguns milhares de contos e que os encarregados de velar pela saúde pública estão a prestar à causa o seu melhor esforço. Não sejamos mal agraçados. Se não querem tornar manifesta a devida gratidão, calem-se.

O mencionado departamento e as entidades referidas, não trabalham por filantropia, nem para que lhes diga: muito obrigado (embora esse muito obrigado contituisse um dever e uma satisfação moral), mas sim pelo sagrado dever do cargo

gride, Vila Verde aformoseia-se e veste galas, tornando-se dia a dia uma região que se impõe pelos melhoramentos feitos.

Não nos admirará que, dentro em pouco, Vila Verde ocupe um lugar de destaque nas regiões turísticas do nosso País e, se é certo que, para tal se conseguir, muito haja ainda a fazer, certo é também que estamos absolutamente convencidos de que essa obra se fará, mercê dos esforços da Câmara que a eles se não poupa, despendendo energias notáveis, demonstrando o carinho que lhe merece o concelho e pugnando incessantemente pelos interesses dos seus municípios.»

Dito isto meus senhores, creio que nada mais é preciso acrescentar. No entanto, antes de terminar quero que fique aqui bem expresso que a figura do Ex.mo Senhor Dr. Francisco Gonçalves terá de perpetua-se nos nossos corações como um nobre exemplo de espírito de iniciativa, de trabalho, de isenção, de zelo e de apuro digno de ser imitado pelas gerações que se seguirem na conduita dos destinos desta parcela de Portugal que há vinte e tantos anos espera calma e confiadamente novo e decidido impulso que a transformem, como uma pequena pátria, una, indivisível, bela e progressiva.

Será, sem dúvida, com o progresso das pequeninas pátrias como esta que a Pátria grande se tornará maior!

que a sua missão lhe impõe. E então uma experiência seria porventura exercida em toda a infância duma Nação? Ou melhor, das nações mais adiantadas do Mundo? Evidentemente que o caso apontado não merece resposta. Porém, ela servirá para que as pessoas menos versadas nestes assuntos e que, porventura, ouçam tais disparates, estejam certas de que não há experiências em coisas sérias como esta. Se assim se procede, se o Governo da Nação dispõe de tão grande soma e se todos os médicos dão o seu melhor esforço à causa, é porque ela é absolutamente necessária, para bem da saúde pública.

E já que falamos em saúde pública, mais uma vez e nunca é de mais, exaltamos o zelo e abnegação que o dig. mo Sub-Delegado de saúde deste concelho, Dr. Ribeiro Guimarães põe em tudo que seja bem da saúde pública.

A toda a infância deste concelho ele ministrou as vacinas contra a tuberculose, contra a varíola e contra o tifo.

E muito breve vai principiar a revacinação contra a paralisia infantil.

Outra obra sua, de elevado mérito, por grandemente benéfica, foi a extinção do paludismo, provocado pelo estagna-

(Continua na 3.ª página)